

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - LIBERDADE
2 E 19 DE SETEMBRO DE 2024

ESCAPE FROM ALCATRAZ/ 1979

Os Fugitivos de Alcatraz

Um filme de Don Siegel

Realização: Don Siegel/ **Argumento:** Richard Tuggle, segundo o romance de J. Campbell Bruce/ **Fotografia:** Bruce Surtees/ **Direcção Artística:** Allen Smith/ **Montagem:** Ferris Webster/ **Música:** Jerry Fielding/ **Intérpretes:** CLINT EASTWOOD (Frank Morris), Patrick McGoochan (Director da prisão), Roberts Blossom (Doc), Jack Thibau (Clarence Anglin), Fred Ward (John Anglin), Paul Benjamin (English), Larry Hankin (Charley Butts), Bruce M. Fischer (Wolf), Frank Ronzio (Litmus), Fred Stuthman (Johnson), David Cryer (Wagner), Madison Arnold (Zimmerman), Blair Burrows (guarda), etc.

Produção: Don Siegel, para / **Cópia:** DCP, colorida, versão original legendada electronicamente em português/ **Duração:** 112 minutos/ **Estreia Mundial:** New York, em 22 de Junho de 1979/ **Estreia em Portugal:** cinema Éden, em 21 de Fevereiro de 1980

Escape From Alcatraz é o antepenúltimo filme de Don Siegel. É também o último dos cinco em que dirigiu Clint Eastwood, sendo os restantes **Coogan's Bluff/A Pele de um Malandro**, **Two Mules For Sister Sara/Os Abutres Têm Fome**, **The Beguiled/Ritual de Guerra** e **Dirty Harry/A Fúria da Razão**. E ao lado de **The Beguiled** é o melhor de todos (atrevo-me a dizer que é, inclusive, superior, na medida em que se identifica mais com a “persona” cinematográfica do actor, e com o estilo de Siegel). Aliás, como **The Beguiled**, **Escape From Alcatraz** passa-se num universo concentracionário onde Eastwood é prisioneiro. E em ambos os filmes a personagem do actor comporta alguma ambiguidade moral, mas é no primeiro filme que ela tende mais para um certo oportunismo e hipocrisia. Em **Escape From Alcatraz** o seu Frank Morris corresponde mais à imagem que o actor foi desenvolvendo ao longo dos anos.

Todo o filme decorre dentro de uma prisão nos primeiros anos da década de 60: Alcatraz, no final da sua existência como prisão, tendo sido depois desafectada (em 1963) passando a ser lugar de excursões e também cenário real para alguns filmes (**Point Blank/À Queima Roupa**, de John Boorman/1967, **The Rock/O Rochedo**, de Michael Bay/1996), e a sua história inspira-se, vagamente, num facto real: a única evasão que terá tido lugar (mas, na realidade, os evadidos terão perecido, arrastados pelas correntes marítimas). Neste aspecto, **Escape From Alcatraz** é um dos melhores filmes de um género particular que tem dado algumas obras importantíssimas ao cinema americano, desde **The Big House/O Presídio**, de George Hill (1930) ou **Each Dawn I Die/À Espera da Morte**, de William Keighley (1939). Aliás, a sua aparição corresponde a um daqueles períodos que ciclicamente se manifestam, em consonância com acontecimentos de particular gravidade em estabelecimentos prisionais: motins, denúncias de torturas, etc. Foi assim ao longo dos anos 30, tal como nos anos 40, na sequência de algumas revoltas e evasões que o cinema “imitou” nalguns clássicos como **Brute Force/Brutalidade**, de Jules Dassin, **Canon City/Um Raio de Liberdade** (1948) e

Inside the Walls of Folsom Prison (1951) ambos de Crane Wilbur, e nos anos 70 na sequência dos famosos motins de Attica de 1971 e outras prisões, com filmes como **The Glass House/Homens Sem Amanhã**, de Tom Gries (1972) ou **Brubaker/As Grades do Inferno**, de Stuart Rosenberg (1980). **Escape From Alcatraz** faz parte desta última fornada. Mas para Siegel, este filme é uma segunda incursão nesse universo concentracionário. Em 1954, ao tempo em que ele já se tinha imposto como um especialista de filmes B de acção magnificamente orquestrada e montada (Siegel começou a carreira como montador e em filmes de Raoul Walsh como **The Roaring Twenties**, **They Drive By Night** e **They Died With Their Boots On**), de que são exemplo o thriller **The Big Steal/O Grande Assalto** (1949) e o western **The Duel at Silver Creek/A Cidade do Pecado** (1952), Siegel assina aquele que é um dos melhores filmes do género de toda a história do cinema, **Riot in Cell Block 11/Os Revoltados da Cela 11**. Para o realizador, **Escape From Alcatraz** era, pois, um regresso ao seu melhor (e, de certo modo, com ele se esgotou, pois os seus dois últimos filmes, **Rough Cut/Ladrão por Excelência** e **Jinxed!**, deixaram bastante a desejar).

Escape From Alcatraz divide-se em duas partes bem distintas, cada uma tratada de forma particular. A primeira segue uma estrutura clássica, que encontramos reiteradamente nos filmes do género: a chegada de presos, os olhares em que os que já lá estão e os que chegam se medem uns aos outros, os primeiros contactos e provocações com que se procura impor o domínio. E os habituais confrontos. Siegel joga habilmente com todos esses ingredientes, incluindo o uso de algum humor. Tudo isto culmina na tentativa de agressão sobre Norris no chuveiro em que o “duro” da cadeia tenta vergá-lo à sua vontade. Da luta resulta um castigo que leva os dois para a solitária. Norris chegara a Alcatraz levando consigo a fama de especialista em evasões. O director da prisão (Patrick McGoohan) adverte-o de que ninguém se evadira, ou evadirá da “sua” prisão. A personagem de Norris, os seus antecedentes e a sua fama, aproxima-se, com estas características da que Steve McQueen interpretou em **The Great Escape/A Grande Evasão**, de John Sturges. A diferença (pouca) é que neste caso se tratava de prisioneiros de guerra. Toda a primeira parte de filme de Siegel é, assim, uma espécie de olhar de “reconhecimento”, de “estudo” do campo e do desafio que oferece a Norris. A segunda parte, que começa com a chegada a Alcatraz de dois antigos companheiros de Norris na prisão de Atlanta, é completamente diferente. De certo modo o filme parece desmentir a fama de Siegel como especialista de acção, de tal forma **Escape From Alcatraz** se concentra na descrição minuciosa da preparação para a fuga. Também aqui não há pontos mortos, mas tudo se resume aos gestos, às mãos que escavam ou que moldam objectos e a falsa cabeça, aos olhares que espiam o movimento dos guardas, aos sinais do grupo entre si. Praticamente sem palavras e em planos por vezes secos e breves por outras longos acompanhando os gestos meticulosos. Esta segunda parte não deixa de recordar um clássico bem conhecido, **Un Condamné à Mort s’Est Échappé/Fugiu Um Condenado à Morte**, de Robert Bresson: os personagens de Bresson perdem-se na sombra e os de Siegel na água. Em ambos o que importa é a energia, a coragem e paciência com que se empenham nas suas missões, ambos os casos provando que “o vento sopra onde quer” (que era o subtítulo do filme de Bresson). O último trabalho de Siegel com Eastwood é, também, o seu melhor.

Manuel Cintra Ferreira